



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Celestino Bezerra, Ada Augusta; Duarte Santos, Elaine; do Nascimento Andrade, Liz
Formação docente, educação e sociedade: lições da estética e da bioética
EccoS Revista Científica, núm. 33, enero-abril, 2014, pp. 109-124
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71531141007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

FORMAÇÃO DOCENTE, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: LIÇÕES DA ESTÉTICA E DA BIOÉTICA

TEACHER TRAINING, EDUCATION AND SOCIETY: LESSONS OF
AESTHETICS AND BIOETHICS

Ada Augusta Celestino Bezerra

Pós-Doutora em Educação Universidade Tiradentes – UNIT; OBEDUC/UNIT/CAPES
Ada_Augusta@unit.br
adaaugustaeduc@gmail.com

Elaine Duarte Santos

Universidade Tiradentes – UNIT; Bolsista de Iniciação Científica
OBEDUC/UNIT/CAPES
elaine-duarte.se@hotmail.com

Liz do Nascimento Andrade

Universidade Tiradentes – UNIT; Voluntária de Iniciação Científica
liiz20@yahoo.com.br

RESUMO: O artigo aborda a formação docente no trato do tráfico/exploração sexual de jovens/crianças, via pesquisa com 27 alunos em formação inicial na pedagogia, 6º período, em 2011/I e 2011/2, na disciplina Seminários Integrados III. As categorias trabalhadas são: formação do professor, educação estética e bioética, pilares da educação contemporânea e triângulo pedagógico, com fundamento em Moran, Masetto e Behrens, (2000), Houssaye (2007), e Nóvoa (2007). Analisa a película *Anjos do Sol*, revê a literatura e legislação atuais. As representações, escritas e orais, tratadas à luz da metodologia da pesquisa qualitativa, estudos autobiográficos, evidenciam o caráter formativo da educação estética e da bioética e conduzem à clareza das relações escola/sociedade, necessidade de humanização individual e social. Elucida implicações sociais do analfabetismo e discute o lugar do morto nas relações sociais e pedagógicas. Enfatiza as crianças do sertão nordestino, frutos do semiárido no contexto capitalista, e seu direito à educação e vida digna.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professor. Prostituição. Pilares da educação. Triângulo pedagógico. Analfabetismo.

ABSTRACT: The article discusses teacher training in dealing trafficking / sexual exploitation of youth / children, via research with 27 students in initial training in pedagogy , 6 th period in 2011 /I and 2011/2 , the discipline Seminars Integrated III . The machined categories are : teacher education , aesthetic education and bioethics , pillars of contemporary education and pedagogical triangle on the ground Moran, Masetto and Behrens

(2000) , Houssaye (2007) , and Nóvoa (2007) . Analyzes the Angels of the Sun film reviews the literature and current legislation. Representations , written or oral , addressed in the light of the qualitative research methodology , autobiographical studies , demonstrate the formative character of aesthetic education and bioethics and lead to clarity of relationships school / society need for individual and social humanization . Elucidates social implications of illiteracy and discusses the place of the dead in the social and pedagogical relations . Emphasizes children 's northeastern backlands , seafood semiarid in the capitalist context, and their right to education and decent life.

KEYWORDS: Teacher training . Prostitution . Pillars of education . Pedagogical triangle. Illiteracy.

Introdução

A premissa fundadora deste artigo reside na convicção de que a educação estética frente às preocupações da bioética agrega novas aprendizagens à formação inicial do educador e um olhar mais analítico para sua formação profissional a partir da reconstituição da trajetória pessoal dos sujeitos, dos relatos de suas experiências de vida e análise de filmes (no caso, *Anjos do Sol*). O pressuposto teórico-metodológico, em função do contexto social contemporâneo, é que a prostituição é um tema transversal que deve perpassar o currículo da formação inicial do pedagogo, na busca da compreensão do profissional quanto aos seus determinantes e ação pedagógica requerida. A sociedade atual, com suas contradições regionais no âmbito dos avanços e benefícios da ciência e da tecnologia, exige uma requalificação contínua do educador e uma revisão radical dos métodos de ensino. Impõe-se a bioética, visando religar o saber das ciências, ética e uma estética humanista comprometida com a responsabilidade social de enfrentar o poder hegemônico que reifica as relações sociais e personaliza as mercadorias e tecnologias. Na crise de valores que se aprofunda a cada ano, são enfatizados os novos pilares da educação tão referidos na literatura educacional, porém pouco edificadas na prática pedagógica: aprender a aprender, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver e, até mesmo, aprender a empreender.

O filme exibido e a respeito do qual foi solicitada uma análise fílmica individual dos alunos, após amplo debate, foi um longa-metragem nacional, baseado em fatos reais, eleito no ano de 2006 o melhor filme pelo júri popular no Festival Internacional de Miami e utilizado pelo Clube de

Bioética e Educação Estética (CBE) da Universidade Tiradentes para ampliar a discussão a respeito da exploração infanto-juvenil que atinge milhares de crianças e adolescentes, especialmente no Nordeste do Brasil, bem como da função social e política da escola e das mazelas do analfabetismo.

O CBE/UNIT, experiência implantada há um ano sob os cuidados do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professor (GPGFOP/UNIT/CNPq), tem-se revelado como uma alternativa pedagógica viável, centrada na perspectiva da bioética e da educação estética, a partir do cotidiano das relações sociais e pedagógicas instaladas na escola e na sociedade, como recurso de complementação de estudos, atualização permanente e superação da fragmentação presente nos modelos acadêmicos fundados na disciplinaridade.

Assim, configura-se como espaço não formal de educação, que penetra a formalidade da educação superior, oportuniza a participação de acadêmicos(as), alunos e professores livremente associados, desde os semestres iniciais do curso de pedagogia, oportunizando reflexões sobre a prática docente, ampliando os horizontes de atuação docente e incentivando a busca de um aprimoramento crescente e contínuo em sua formação, minando o paradigma cartesiano ainda forte na educação básica e superior.

A perspectiva é que tais reflexões contribuam para uma formação reflexiva do profissional da educação e sua atuação crítica e responsável, via exercício sistemático de questionamento em torno da vida – retroativo e prospectivo no seu percurso – e de suas próprias demandas formativas atuais, também no âmbito do autoconhecimento, como suposto das interações com o outro. A necessidade de revisão das representações e práticas pedagógicas é provocada diante de temas bioéticos na produção cinematográfica selecionada. Trata-se da estética da sensibilidade.

A investigação aqui relatada contempla parcialmente os produtos do CBE/UNIT. Prende-se, no momento, à análise de fichamentos fílmicos de alunos do 6º período da pedagogia desenvolvida por bolsistas de iniciação científica desse mesmo curso, sob a orientação da professora da disciplina Seminários Integrados III (doutora em educação). As discussões a respeito das temáticas, em GV e GO (Grupos de Verbalização e Observação), sob a moderação da professora, são registradas sistematicamente pelos pesquisadores e sempre incitam a participação de cada sujeito, desde a sugestão de temas que podem ser abordados na formação docente até o comparti-

lhar das experiências pessoais. É visível o amadurecimento acadêmico e pessoal na troca de aprendizagens, no apontar de encaminhamentos, no desvelamento de problemas pedagógicos e sociais, a exemplo da elucidação da prostituição como problema social, econômico e educacional. A emergência da clareza da responsabilidade social de cada um e do professor em particular é um diferencial na participação efetiva dos sujeitos na busca da construção de uma educação de qualidade e da qualidade de vida no país e, em especial, no Nordeste e em Sergipe.

O trabalho de pesquisa, a partir dos relatos pessoais, análise fílmica escrita e representações expostas em debates nos círculos com os acadêmicos de pedagogia, foi efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar a exigência metodológica de um pensar ético acerca das relações educacionais na atualidade, do aprimoramento da reavaliação e reflexão quanto às nossas atitudes pedagógicas, com consciência política e profissional, a partir de uma descrição das transformações socioculturais nas vidas singulares.

O filme *Anjos do Sol* e as representações de discentes da pedagogia

Anjos do Sol é um filme brasileiro que trata da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes no Nordeste brasileiro. No elenco, entre outros, destacam-se Antonio Calloni, Vera Holtz, Chico Diaz, Roberta Santiago, Otávio Augusto, Mary Sheyla, Darlene Glória, Bianca Comparato e a estreante Fernanda Carvalho, a protagonista, que tinha apenas onze anos quando da filmagem.

O filme teve lançamento no Brasil em 18 de agosto de 2006. *Anjos do Sol* tem um roteiro engrenado e pesado, com várias cenas eletrizantes de fugas em meio à Selva Amazônica e passagens dramáticas, friamente cruéis, que transmitem o conceito do “bicho” ser o homem que cuida do “bicho”, mas que pensa ser homem.

No verão de 2002, um “recrutador” ou “produtor” de prostitutas faz uma viagem para o interior do Maranhão para examinar meninas com a finalidade de comprá-las. Maria (Fernanda Carvalho), uma jovem de 12 anos, filha de pescador e dona de casa, é cedida e vendida pelos pais, que

têm outros filhos menores para cuidar. Alienada como uma mercadoria e um excelente produto de pura qualidade, sem defeitos, ou seja, uma menina boa, “virgem” e que “não dá trabalho”, Maria é informada pelos pais que terá uma vida melhor em um lugar onde vai ter um bom trabalho. Após ir embora é adquirida pelo dono de uma boate em um leilão de meninas virgens e, em seguida, é adotada e enviada a um prostíbulo de pequena cidade perto de um garimpo, na Floresta Amazônica. Forçada a trabalhar na região como prostituta, Maria sofre inúmeros abusos, aprendendo que sexo é domínio, dor e exploração. Após meses sofrendo no garimpo, a menina foge e passa a cruzar o Brasil através de caronas de caminhoneiros. Ao chegar ao Rio de Janeiro, tendo como única referência o endereço de uma senhora do Rio de Janeiro recomendada por uma das colegas de infortúnio do prostíbulo do garimpo, a prostituição se coloca frontalmente em seu caminho como única alternativa, também pelo fato de não ser escolarizada. Suas atitudes frente a si e aos novos desafios tornam-se inesperadas e surpreendentes. Sem opção, decide-se por sua morte como Maria e assume a identidade de uma morta, assumindo maioridade e o encargo que a vida lhe atribuiu.

Desde os tempos primitivos, por questões de sobrevivência, as mulheres sujeitavam-se aos favores sexuais; nesse filme podemos observar o quanto a dimensão ontológica do homem é distorcida; o ímpeto sexual e o valor econômico sobressaíram-se diante de quaisquer outros valores éticos e morais. A mulher é vista como uma imagem menosprezada e deionizada, submissa à ganância do homem que lucra com o sofrimento das meninas. Fica evidente o quanto a sociedade está destruindo valores humanos e morais, desde suas formas mais elementares. As pessoas – os próprios profissionais da educação – não mais ficam indignadas com os problemas da sociedade brasileira, naturalizando a violência e a exploração sexual por serem rotineiras.

Em um passado recente da história do Brasil víamos que o tráfico de negros era predominante. Hoje, apesar de ainda existir, o tráfico é feito com meninas ainda crianças que são escravizadas e vivem em cárceres privados, principalmente na região amazônica, local em que a fiscalização é mais rara. Sabemos que a prostituição infantil e a consequente violência sexual contra meninas estão presentes não só em garimpos, mas nas ruas e até dentro de casa, em todos os locais do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-

Oeste, Sul e Sudeste. São inúmeros os casos de prostituição infantil ou exploração sexual, com meninas que são vendidas pelas próprias famílias, escravizadas ou assassinadas por donos de bordéis em áreas de garimpo ou exploradas por cafetões que atendem a estrangeiros em locais de luxo das cidades. A família torna-se, em muitos casos, um elo frágil no meio da miséria que assola o sertão e as periferias, que acaba determinando a oferta de suas filhas como moeda de troca por um local melhor para morar, por um porção de dinheiro ou por um “prato de comida” ou medicamentos. O analfabetismo está por trás de tudo isso, aumentando e evidenciando a fragilidade dos oprimidos, sobretudo pela desinformação.

Segundo a Unesco (2007), muitas crianças que estão fora da escola tendem a engajar-se em alguma forma de trabalho, na maioria dos casos, devido à pobreza crônica e, também em parte, à negligência dos pais fragilizados economicamente e pelo analfabetismo. Cerca de 126 milhões, entre as idades de 5 a 17 anos, estão envolvidos nas piores formas de exploração infantil: tráfico, escravidão, prostituição, endividamento e outras atividades ilegais. De acordo com pesquisas mais atuais (UNESCO, 2011), está havendo redução do número de crianças fora da escola, mas as disparidades regionais e de classes sociais ainda são um enorme empecilho para o progresso da educação. O Brasil carece da ação de uma consciente e organizada sociedade civil e de uma atenção especial da sociedade política, por parte de governantes e operadores das redes de atenção e defesa de crianças e de adolescentes para a implantação de um mais efetivo combate a esse tipo de crime.

A sociedade capitalista é extremamente ligada ao consumo exacerbado e, através do filme escrito e dirigido por Rudi Lagemann, *Anjos do Sol*, a trama é exposta para além do sofrimento das meninas, desmascarando as práticas das pessoas que lucram com esse mercado, como os cafetões e políticos, e também o regime de servidão, pelo qual as meninas passam a ser violentadas e ameaçadas caso queiram fugir. Vê-se a motivação econômica em jogo, nos homens que lucram com o “negócio” e também por parte dos pais da personagem Maria, que tentam sobreviver a esse custo; esses, incitados pela realidade econômica e cruel da sociedade capitalista, na qual o “ter” passa literalmente por cima do “ser”.

O processo de globalização econômica favoreceu o aumento das desigualdades sociais, com a expansão do capital financeiro. Com isso, a

crescente miséria e a falta de apoio social das famílias contribuem para que os índices de tráfico para fins de exploração sexual cresçam e espalhem-se por todo o país: meninas ainda são obrigadas a oferecer seus corpos como possibilidade de melhorar sua expectativa de vida e mantidas em cárceres privados nas regiões de garimpos, “bares”, na maioria ilegais, na Amazônia. O Decreto da Presidência da República nº 5.948, de 26/10/2000, que aprova a Política Nacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas, declara o comércio de crianças e jovens como um crime reconhecido pela legislação. O artigo 1º do capítulo I desse Decreto estabelece, nas suas disposições gerais, que

A Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas tem por finalidade estabelecer princípios, diretrizes e ações de prevenção e repressão ao tráfico de pessoas e de atenção às vítimas, conforme as normas e instrumentos nacionais e internacionais de direitos humanos e a legislação pátria. (BRASIL, 2006).

Dentre os princípios, diretrizes e ações destacam-se: “respeito ao ser humano” e “promoção e garantia dos direitos humanos”. Trata-se de conhecimento necessário aos educadores em formação.

Os achados da pesquisa

Filmes como *Anjos do Sol* trazem à tona conhecimentos necessários aos educadores em formação; sendo trabalhados nas universidades podem alertar os estudantes quanto a questões éticas e morais que são temas significativos para a formação docente, inclusive na Universidade Tiradentes. Foram temas tratados em sala de aula os descritos no quadro 1 que segue, sob a provocação dessa película cinematográfica:

O quadro 2, a seguir, registra os resultados quantificados das análises das falas escritas e orais dos alunos presentes em sala de aula que tiveram a oportunidade de assistir o filme, destacando as categorias trabalhadas e respectiva incidência.

Triângulo pedagógico: a dinâmica do ensinar, aprender e formar.
A alternância do lugar do morto: professor, alunos e saberes.
Aprender a ensinar
A voz do aluno no triângulo pedagógico

Quadro 1: Categorias de análise aprofundadas pela professora e bolsistas de iniciação científica a partir do filme *Anjos do Sol*

Fonte: Bezerra, Santos e Andrade (2011, p. 5).

Quadro 2: Categorias de análise aprofundadas pela professora e bolsistas de iniciação científica a partir do filme *Anjos do Sol*

Categorias	Nº de alunos
Exploração sexual/prostituição/abuso/sexualidade/prostíbulo/assédio	29
Capitalismo/sociedade/vida/realidade	14
Família/pobreza/criança/adolescente	27
Identidade humana/natureza humana/ética/valores humanos	4

Fonte: Bezerra, Santos e Andrade (2011, p. 6).

Dentre as representações expostas pelos alunos da pedagogia podemos destacar algumas falas que embasam o pensamento da turma sobre o tema explanado e indicam necessidade de aprofundamento:

Tema necessário para a nossa formação para vermos a realidade, que muitas das vezes temos em sala de aula e não sabemos. (SPo43)

O filme “Anjos do Sol” mostra uma realidade cruel de seres humanos sem ética e nem respeito pelo outro nos colocando diante de medos, diante das mais profundas vergonhas das pessoas. (SPo45)

Discutir sobre temas polêmicos é importante para sensibilizar-mo-nos sobre essas realidades. (SPo57)

Como se verifica nessas menções, o filme *Anjos do Sol* proporcionou a oportunidade de discussão e a emergência da preocupação dos formandos em torno dos temas como exploração sexual, sexualidade, valores e identidade humana, ética, capitalismo, dentre outros. Entretanto, ficou evidente uma ausência de preocupação para com a escola e a sua função social, o que parece não ser muita clara para os educadores. A escola é instância importante da sociedade civil; ela socializa a cultura e a organiza no sentido de tornar críticas atividades já existentes, como elucida Gramsci (1983). O professor precisa perceber e crer nisto. O filme aborda temas presentes no cotidiano que devem ser discutidos com mais frequência nas escolas; não podemos fechar os olhos para essas realidades. O pedagogo, em especial, está preocupado com a formação humana no sentido integral, zelando para não se perder nos meios, nos detalhes ditos exclusivamente pedagógicos e regimentais.

O triângulo pedagógico e os pilares da educação contemporânea

O filme *Anjos do Sol* traz à tona pautas “preciosas” que precisam ser tratadas desde a graduação à pós-graduação para que os futuros professores sejam capazes de guiar os ensinamentos e compartilhar valores éticos e morais com seus alunos. É importante debater temas, como as inúmeras explorações que ocorrem em todo o Brasil, diante das quais muitas vezes “fechamos os nossos olhos”.

No filme podemos notar que Maria, apesar de não possuir instrução e valores éticos e morais que lhe desse noções do que é certo ou errado, aprende de forma penosa com as experiências que vivenciou, de maneira a construir certo saber. A personagem Celeste (Mary Sheila) que já vivia no garimpo foi como uma professora para ela, pois lhe deu conselhos e mostrou como era a realidade do lugar e como deveria portar-se. Outra personagem da trama também importante para Maria foi Inês (Bianca Comparato), sua melhor amiga. Expulsa de casa quando criança, a prostituição cruzou seu caminho. Uma das cenas mais fortes do filme e que mostra a realidade cruel das meninas é a sua morte, arrastada por um carro

na frente das outras para que soubessem que, se tentassem fugir do garimpo, teriam o mesmo destino.

A atriz que a protagoniza (Maria) explicou à Revista Enfoque, nº 64, de novembro de 2006, o quanto teve que estudar para o papel de protagonista do filme. Ela descreveu para a revista os seis meses de laboratórios de dramaturgia com ênfase no olhar, pois no filme, ela quase não fala e todo o sentimento tinha de ser passado através do olhar. Isso mostra que para uma atriz vivenciar um papel de um filme ela deve ter uma excelente preparação e estudar a personagem que irá protagonizar de modo a suprir expressões corporais, gestos, modos de falar e de agir. Assim é na educação, quando o professor irá assumir uma sala de aula. O professor precisa planejar e organizar ações, objetivos e metas sob uma totalidade educativa para incorporar no currículo as diversidades da turma, de acordo com os inúmeros aspectos culturais, comportamentais e emocionais. O educador é chamado a desenvolver sua acuidade diante do olhar e dos gestos de seus alunos.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 13) “Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos e sonhamos”. No caso da personagem, ela aprendeu da pior forma possível, através das inúmeras violências que sofreu ao longo da vida infanto-juvenil.

Entre os fatores que contribuem para a efetividade da educação destacam-se a metodologia e a avaliação do desempenho dos alunos. Quando o que foi delineado para determinada aula não deu certo, não funcionou, o professor terá que rever o planejamento para que os resultados sejam positivos. Ele deve refletir sobre as suas práticas pedagógicas, adaptando-as ao desenvolvimento dos alunos de modo a superar as suas dificuldades, bem como aperfeiçoar suas interações, competências e habilidades. Dessa forma, dá-se a reconstrução do conhecimento e da própria identidade de educadores e educandos. De acordo com Nóvoa (2007, p. 16),

A resposta à questão: Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula, obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até, que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores.

Aprender para conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Portanto, antes de qualquer atitude adotada pela personagem do filme, Maria, foi imprescindível um autoconhecimento acerca da sua história de vida, com a finalidade de compreender o mundo. Saber ter o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir o sentido crítico e desvelar o real e permitir compreender o real é papel da educação. Isto foi exatamente o que aconteceu quando ela chegou ao cortiço e, serena, observou tudo que estava ocorrendo e como as pessoas se comportavam. O fato de ela não aceitar a venda do seu corpo é sinal da sua sensibilidade, não obstante sua cultura geral estivesse imersa no senso comum. Sua amiga (Mary Sheila) que estava grávida do respectivo “dono” não fugiu juntamente com Maria, pois sabia que tinha uma outra cultura, pois para ela a melhor maneira de ter uma vida melhor e dar essa vida a seu filho, era a convivência com o pai do mesmo. Pelo fato de estar grávida dele ela tinha certa liberdade ao ser comparada com as demais. Dessa forma, fechando a sua própria ciência pelos riscos de se desinteressar pelo que fazem os outros. O conhecimento liga-se necessariamente à experiência vivida. A educação sistemática e o acesso à informação são imprescindíveis ao cidadão.

O aprender a conhecer e aprender a fazer são indissociáveis; a segunda é todo o trabalho de conhecimento colocado em prática. Quando a protagonista tenta fugir, a sua amiga lhe ensina algumas coisas para que ela consiga sair sem correr risco de vida: antes de fazer foi necessário analisar como, quando e por onde ela poderia desenvolver todos os conhecimentos adquiridos e estudados. Maria, naquele exato momento, aprendeu a fazer, desenvolvendo junto a sua reação física o seu aspecto cognitivo. Portanto, o aprender a fazer, não é simplesmente fazer o que foi ensinado, mas sim fazer quando tem significado com valor formativo que não é de desprazer.

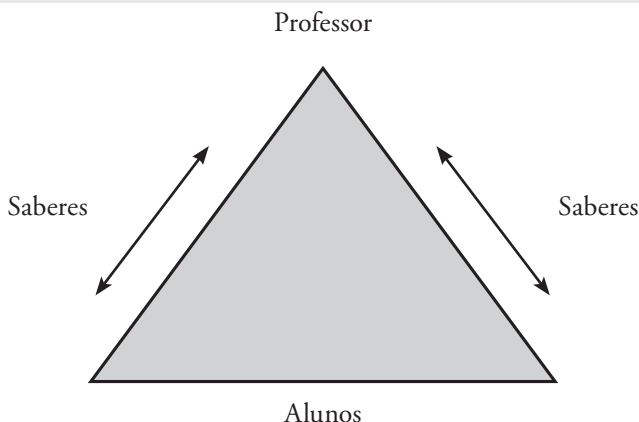
O capitalismo selvagem do ter superou a formação do ser, e este processo tem subsidiado conflitos relevantes sobre o direito dos injustiçados, que não são atendidos com dignidade para morar, alimentar-se e educar-se. Por isso, torna-se saber pensar, refletir, para não ser engolido pela obtenção material em detrimento da formação pessoal e grupal. (Moran, Masetto e Behrens, 2000, p. 84).

Diante de situações que Maria e as outras meninas passaram, evidenciou-se a socialização; aprenderam a viver de maneira a perceber o outro para que haja o desenvolver da percepção de interdependência. Com isso, viver sem violência física e verbal, ou para administrar os conflitos existentes, implica a busca não de verdades absolutas e inquestionáveis, do positivismo, da racionalidade e do pensamento convergente, mas o pensar coletivamente, o reconhecimento da complexidade e da dialética das relações sociais com suas contradições. Como Maria convivia com as outras meninas, se ela tomasse a decisão de mudar de vida, não só a vida dela ficaria em risco como a vida das amigas; embora aflorando a solidariedade, foi mais forte o seu instinto de sobrevivência: e ela tentou fugir. O seu dono (Antonio Calloni) sabia que poderia vir a perder não só Maria, mas as demais.

Após tantas tentativas de fuga, não apenas do cortiço no interior, mas também da cafetina Vera (Darlene Glória), no Rio de Janeiro, finalmente Maria consegue sua liberdade tentando superar a desumanização do mundo, tendo liberdade de pensamento e responsabilidade sobre seus atos, na busca de desenvolvimento dos processos de aprender a ser, embora limitada pela não escolaridade. Aprender a ser leva em consideração as inteligências múltiplas, as potencialidades do humano em plenitude, a possibilidade para criticar, para participar e criar. São esses aprenderes que devem ser tratados em sala de aula e fazer com que os sujeitos queiram aprender, acerca de temas éticos e morais, além da ciência e tecnologia acumuladas, da estética da solidariedade.

Sabemos que é difícil para o professor, diante do currículo escolar, com as diversidades que assinalam uma sala de aulas, que na maioria das escolas públicas acolhe 30 alunos, suprir essas dificuldades, o que leva à ênfase em atividades diversificadas, ao trabalho em grupos e atividades extraclasse, de modo a proverem a inter-relação entre a teoria e a prática, reconhecendo o primado da prática.

Na figura 1, podemos observar o triângulo pedagógico de Houssaye (2007), ao qual podemos relacionar o filme. As três retas que se encontram formando um triângulo equilátero e as seguintes coligações: a relação entre o professor e o saber no processo de transmissão e assimilação de conhecimento; a junção entre os professores e os alunos, que valoriza a troca

**Figura 1**

de saberes; a articulação entre os alunos e o saber, que favorece uma lógica de (auto) aprendizagem.

Ensinar, aprender e formar compõem o triângulo pedagógico, no qual o ato de ensinar depende de um aglomerado de fatores que abrangem metodologias utilizadas em sala de aula. Nesse triângulo diz-se que o lugar do professor é o “lugar do morto”, termo explorado por Houssaye (1992) e Nóvoa (1999) para apresentar o lugar de coadjuvante que o professor ocupa na sociedade, que teve suas origens num processo de exclusão que vem se intensificando desde os anos de 1990, cujas funções e papéis que são atribuídos aos professores são sempre de modificar e construir uma sociedade melhor para o futuro.

Podemos relacionar essa denominação às personagens do filme, como o fato de elas aceitarem que o destino está traçado e não há outras formas de viver. Elas até se impõem no início, mas com o passar do tempo elas perdem o desejo de lutar por algo melhor em suas vidas. Maria, apesar de lutar por uma realidade melhor, não encontra outras saídas e aceita o fato de terminar sempre no caminho da prostituição, parecendo-lhe que nenhuma oportunidade melhor apareceria.

Muitas vezes o “lugar do morto” não é apenas o do sujeito da aprendizagem na escola que tem desconsideradas suas experiências anteriores. Essa questão é mostrada claramente na cena em que Maria é levada a um cemitério por Vera, para ser escolhida uma identificação, já que Maria

não tinha registro. Porém, a cafetina não precisava de apenas uma menina com registro, mas sim que fosse maior de idade, para facilitar em suas negociações de trabalho com turistas. Nesse momento em que a protagonista deveria ser o sujeito da aprendizagem, sua história de vida é deletada, excluída rapidamente e substituída por um alguém que nem ela mesma sabe quem era, ou seja, naquele instante ela toma o lugar do morto. Sua sensibilidade permitiu-lhe indagar da correção desse ato.

Considerações finais

O problema da exploração na sociedade capitalista não se extingue pelas vontades individuais. Ele clama por ações coletivas e orgânicas. O que pode ser feito nas instituições da sociedade civil é desenvolver a consciência de que esse quadro é uma construção humana e que, portanto, pode mudar, pode ser superado por movimentos da própria sociedade, no que se destaca o papel do intelectual, categoria teórica que contempla o professor.

Para isso é importante uma reflexão interdisciplinar sobre temas como a própria exploração sexual, a questão do preconceito e até do machismo, para que haja uma reestruturação da rede de enfrentamento ao tráfico infanto-juvenil, um maior fortalecimento na fiscalização nos locais de incidência e medidas educacionais que privilegiem uma mudança na educação e cultura dos povos. Fazer prevenção, nesse sentido, é também fazer uma educação de qualidade para todos, construindo uma nova ética que privilegie a vida humana e consolide a estética da solidariedade. Essa perspectiva implica alterações no currículo que levem em consideração os alunos e as suas especificidades através de novas práticas pedagógicas, assim como a formação de docentes como intelectuais comprometidos com o verdadeiro progresso de cada homem. Práticas que articulem teoria e prática por meio de novas tecnologias, análises de filmes, seminários, debates, trabalhos em grupos, pesquisas empíricas, têm natureza emancipatória, além do engajamento nos movimentos sociais pelo fim da violência contra a mulher.

Nos registros das representações dos graduandos em pedagogia foram relacionadas, com a mesma intensidade, a prostituição e a exploração econômica. Daí, a clareza que devemos ter dos (des)valores capitalistas e da função social e política da escola, que não mais se admite como reduzida à reprodução e sim como também capaz de contribuir para a mudança das relações sociais vigentes, sob nova ordem que não a exploração.

Desse modo, contextualizar a formação docente e intensificar o trabalho conjunto – professor e aluno – promoverá uma troca de saberes (experenciais, científicos, escolares, curriculares, familiares, etc.). Muitos temas polêmicos não são debatidos em sala de aula nem nos ambientes familiares. Que fazer diante de um aluno que ingressa ou é levado a seguir o caminho da prostituição? Ignorar? Considerar natural no contexto? E se for nosso filho? E como fica a questão da educação rural? Especial destaque é feito para o caso das crianças do sertão nordestino, pela estreita relação com o título e cenário do filme; frutos do semiárido, têm direito à mesma luz do saber, à socialização da cultura, à promoção humana que incide sobre segmentos privilegiados via educação nos centros urbanos.

A perplexidade aflige o estudante, os pais e educadores. Por isso é tão importante a discussão na formação dos graduandos do curso de pedagogia, com base nos pilares da educação, no triângulo pedagógico, ética e moral e educação estética. O desenvolvimento do pensar crítico pode fazer a diferença não apenas em sala de aula, mas na educação brasileira. O momento atual não mais comporta o expectador passivo, especialmente o professor!

Referências

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; SANTOS, Elaine Duarte; ANDRADE, Liz do Nascimento. *Relatório final de iniciação científica – PROBIC/UNIT* - Projeto implantação do clube de bioética e educação estética (CBE): identificando categorias de fortalecimento da formação inicial de licenciandos em Pedagogia da UNIT. Aracaju, SE: GPGFOP/PROBIC/UNIT, 2011).

BRASIL. Presidência da República. *Decreto nº 5.948, de 26 de Outubro de 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5948.htm>. Acesso em: 31 jan. 2012.

ENFOQUE. Rio de Janeiro: Grupo MK de Comunicação, ed. 64, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=64&materia=581>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. *Escola que protege*: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nélon Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

HOUSSAYE, Jean. *Prazer*. Tradução Nilda Alves. *Currículo sem Fronteiras*: Revista da Universidade de Rouen, França, v. 7, n. 2, p. 71-77, jul./dez. 2007.

_____. *Triangle pédagogique*: théoriet pratiques de l'éducatonscolaire. Paris: Peter Lang, 1992.

MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

NÓVOA, António. *Vidas de professor*. 2. ed. Portugal: Porto, 1999.

_____. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo* : palestra USP E UFBA.SINPRO, SP : 2007.

UNESCO. *A crise oculta*: conflitos armados e educação. Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todo (EPT). Paris, França, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001911/191186POR.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

_____. *Bases Sólidas*: educação e cuidados na Primeira Infância. Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos (EPT). Paris, França, 2007. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001477/147785por.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2012.

_____. *Escola que protege*: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. 2. ed. Brasília, DF: MEC/Unesco, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2012.

Recebido em 29 jul. 2013 / Aprovado em 3 fev. 2014

Para referenciar este texto

BEZERRA, A. A. C.; SANTOS, E. D.; ANDRADE, L. N. Formação docente, educação e sociedade: lições da estética e da bioética. *EccoS*, São Paulo, n. 33, p. 109-124. jan./abr. 2014.